

## EDUCAÇÃO SUPERIOR SOB A ÓTICA DA EQUIDADE E TRANSVERSALIDADE DE GÊNERO

Maria Carolina Lins Mendonça<sup>1</sup>; Maria do Rosário de Fátima Andrade Leitão<sup>2</sup>;  
Eliane Maria Araújo da Silva<sup>3</sup>.

*Universidade Federal Rural de Pernambuco, carolinalins96@gmail.com*

**Resumo:** O presente artigo foi elaborado a partir dos resultados das análises e coleta de dados realizados para a pesquisa do PIBIC/ Programa de Bolsa Institucional de Iniciação Científica da UFRPE/CNPq, em andamento, vinculado ao Núcleo de Pesquisa-Ação Mulher e Ciência (NPAMC). A pesquisa visa recuperar a trajetória das docentes em suas carreiras acadêmicas e profissionais na Universidade Federal Rural de Pernambuco, a partir de documentos, entrevistas e narrativas sobre o lugar das mulheres no desenvolvimento científico e tecnológico, sua inclusão nas políticas públicas e nos espaços de poder. O estudo comporta a adoção da abordagem qualitativa e o enfoque teórico de gênero, para a compreensão do seu objeto. A coleta e análise dos dados foram desenvolvidas por meio de eixos transversais: estudos de gênero e políticas de igualdade de oportunidades, mulheres na ciência e na universidade, gênero na educação superior. A proposta consiste em dialogar e interagir com a complexidade que envolve o conceito de transversalidade de gênero nas políticas públicas, especialmente de desenvolvimento científico e tecnológico. Destacam-se fortemente no discurso das docentes a construção social do conceito de gênero e sua inferência direta na história de vida profissional destas mulheres. Os resultados desse trabalho objetiva em contribuir para a produção de conhecimento sobre o tema da equidade, relacionando o conceito de transversalidade de gênero, com os dados da pesquisa no que se refere a: composição do núcleo familiar, trajetória profissional dos familiares, uso do tempo, trajetória acadêmica e profissional da docente.

**Palavras-chave:** Equidade, Transversalidade de gênero, Educação superior.

---

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: carolinalins96@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora, docente Titular da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Coordenadora da Pesquisa Mulher e Ciência. Email: mrfaleitao@gmail.com

<sup>3</sup> Mestranda em Extensão Rural e Desenvolvimento Local/POSMEX na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Email: elianearaujo80@yahoo.com.br

## Introdução

O NÚCLEO DE PESQUISA MULHER E CIÊNCIA (NPAMC) foi formalizado em 2013 a partir da consolidação das pesquisas fundamentadas no conceito de transversalidade de gênero nas políticas públicas, realizadas no Grupo de Pesquisa Desenvolvimento e Sociedade – GPDESO, CNPq/UFRPE<sup>4</sup>.

A formalização do NPAMC realizou-se concomitantemente com a aprovação do projeto de pesquisa executado em 2013 e 2014 com recursos federais oriundos da Secretaria de Políticas para as Mulheres da Presidência da República (SPM-PR), a partir de Edital, cujo objeto consiste em realizar estudos, eventos e elaboração de publicações sobre o tema “Mulher e Ciência” nos espaços de poder e decisão.

Neste sentido, unindo a experiência nos estudos da transversalidade de gênero nas políticas públicas do GPDESO e o projeto “Mulher e Ciência”, o NPAMC, atua com o objetivo de identificar as mulheres a partir de sua inserção nas salas de aula, nos postos de trabalho, ou em outros espaços de poder e de decisão, especialmente na UFRPE.

Algumas metas do Projeto Mulher e Ciência consistem em mapear e registrar

memórias de mulheres que atuam em carreiras universitárias e debater em seminários os temas da pesquisa.

Como decorrência dessas metas, o NPAMC assumiu, junto a outras três instituições, a realização do 18º Encontro da Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero (REDOR). Rede da qual o GPDESO é membro a partir de suas linhas de pesquisa: Gênero e diversidade; Pesca e Políticas.

No recorte metodológico deste artigo, o objetivo geral consiste em analisar, a partir do diálogo entre os conceitos de transversalidade de gênero nas políticas públicas, nas relações de poder e no trabalho, se a inserção das mulheres docentes da área de ciências sociais na UFRPE tem contribuído na ruptura de paradigmas relacionados a divisão sexual do trabalho e se colaboram no processo de construção de participação igualitária, plural e multirracial das mulheres, nesta instituição.

Os objetivos específicos do presente estudo são, portanto, além de realizar um mapeamento das mulheres docentes nos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Ciências Sociais, atuantes na Pós-Graduação na UFRPE, resgatar suas

<sup>4</sup> [www.gpdeso.com](http://www.gpdeso.com)

trajetórias; verificar, a partir das entrevistas, de que modo as relações de gênero contribuem na estrutura e na percepção da produção do conhecimento científico; e identificar a inserção feminina na Universidade Federal Rural de Pernambuco sob a perspectiva da equidade, transversalidade de gênero e empoderamento das mulheres.

### **Metodologia**

Os conceitos *gênero* e *transversalidade de gênero* são fundamentais nesta pesquisa, porque estão incluídos em nosso objetivo de pesquisa. Scott (1995) argumenta que o conceito de gênero foi criado para opor-se a um determinismo biológico nas relações entre os sexos, dando-lhes um caráter fundamentalmente social:

[...] um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder. (SCOTT, 1995, p.14.)

Nesse sentido, compreendemos que o conceito de gênero trouxe à luz as desigualdades sociais e culturais geradas a partir das relações de poder. Dessa forma, o conceito nos fornece suporte para a compreensão das configurações regionais, local de nossa pesquisa, onde o

patriarcalismo ainda está fortemente presente.

Bandeira (2005) afirma que:

Por transversalidade de gênero nas políticas públicas entende-se a ideia de elaborar uma matriz que permita orientar uma nova visão de competências (políticas, institucionais e administrativas) e uma responsabilização dos agentes públicos em relação à superação das assimetrias de gênero, nas e entre as distintas esferas do governo. (BANDEIRA, 2005, p. 6)

O nosso percurso metodológico consiste na adoção da abordagem qualitativa e o enfoque teórico de gênero, para a compreensão do objeto de pesquisa. Para o estudo qualitativo foi elaborada uma entrevista semiestruturada na qual envolve dois tipos de conhecimentos complementares para o “mundo do conhecimento”. O conhecimento episódico que compreende o conhecimento que está ligado a circunstâncias concretas (tempo, espaço, pessoas, acontecimentos, situações), e o conhecimento semântico que é mais abstrato e generalizado e descontextualizado de situações e acontecimentos específicos (FLICK, 2002, p. 116).

O roteiro da entrevista semiestruturada organizou-se em blocos

temáticos, congregando perguntas afins num mesmo bloco e numa sequência, de acordo com a finalidade das informações que pretendíamos coletar. A entrevista semiestruturada combina perguntas abertas e fechadas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada.

No instrumento de pesquisa indagou-se sobre a trajetória profissional dos familiares da entrevistada, sua trajetória profissional, memória intelectual, a utilização do tempo com as atividades profissionais e o trabalho doméstico, o uso do tempo livre, assim como foi estimulado a realização de comentários sobre algum tema que não foi contemplado na entrevista.

A entrevista como técnica de pesquisa possibilita informações diretamente construídas no diálogo com o indivíduo entrevistado e trata da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivencia (MINAYO 2009, p. 64-65). A análise e interpretação dos dados coletados, as mediações que vinculam o singular ao universal, o delineamento da relação do fenômeno em foco com a totalidade e a história possibilitarão a identificação das particularidades deste estudo.

O texto inclui entrevistas com sete docentes mulheres da área de Ciências Sociais da UFRPE. Para suporte as entrevistas e introdução ao tema, foram realizados levantamentos bibliográficos e reuniões periódicas do grupo de estudo, que continuarão até o final da pesquisa. Essas ações possibilitaram nos debruçarmos sobre publicações que dialogam com os conceitos de transversalidade de gênero, políticas públicas na área acadêmica, relações de poder, uso do tempo e metodologia participativa.

A sistematização dos dados acontece de acordo com os temas tratados no roteiro da entrevista, por meio do qual está sendo realizado um mapeamento com o intuito de apreender as estruturas de relevância e as ideias centrais que as docentes, sujeitos da pesquisa, tentam transmitir em suas narrativas.

A análise dos dados se dá também através de recursos iconográficos, como gráficos, tabelas e fotos que permitem a visualização e interpretação mais clara dos dados obtidos na literatura e estudos existentes, bem como auxiliam a delimitar mais precisamente os resultados do estudo.

### **Resultados e discussões**

A partir das entrevistas realizadas,

[www.encontroredor.com.br](http://www.encontroredor.com.br)

(83) 3322.3222

[contato@encontroredor.com.br](mailto:contato@encontroredor.com.br)

coletamos os dados que fundamentam nossa compreensão nos seguintes aspectos: o cotidiano das relações de trabalho, das atividades e dificuldades enfrentadas por estas mulheres numa perspectiva fundamentada na sociologia do trabalho e com recorte de gênero.

No início da pesquisa realizamos um quadro do quantitativo de docentes mulheres e homens para compreender a divisão sexual do trabalho na UFRPE. O Departamento de Ciências Sociais – DECISO apresenta 42% de mulheres em seu quadro de docentes. A Diretora é uma mulher e a Coordenação do Curso foi

gerida por mulheres em quase toda sua trajetória, desde os anos de 1991 a 2016, apenas duas gestões não foram assumidas por mulheres.

#### **QUADRO 1 - QUANTITATIVOS DE DOCENTES - DEPARTAMENTOS DA SEDE UFRPE.**

<b>DEPARTAMENTO</b>	<b>FEM</b>	<b>MASC</b>	<b>TOTAL</b>	<b>% Mulheres</b>
Administração	14	13	27	52%
Agronomia	9	27	36	25%
Biologia	38	19	57	66%
Ciência. Florestal	18	5	23	78%
Ciências. Domésticas	20	1	21	95%
Ciências. Moleculares	3	11	14	21%
<b>Ciências Sociais</b>	<b>11</b>	<b>15</b>	<b>26</b>	<b>42%</b>
Educação	42	18	60	70%
Educ. Física	4	6	10	40%
Estatística e informática	11	13	24	46%
Física	1	17	18	5,5%
História	13	5	18	72%
DLCH/Economia	7	11	18	39%

DLCH/Letras	17	9	26	65%
Matemática	12	15	27	44%
Medicina veterinária	22	18	40	55%
Morfologia e fisiologia animal	12	17	29	41%
Pesca e aquicultura	3	15	18	17%
Química	12	8	20	60%
Tecnologia rural	17	36	53	32%
Totais	286	279	565	

**Fonte:** Site UFRPE – Acessado em: 21.08.2014

De acordo com o quadro 1, observamos que a realidade de ocupação desigual das mulheres segundo as áreas de trabalho, na UFRPE, corrobora com o diagnóstico realizado pelo SNIG/ Sistema Nacional de Informações de Gênero.

O SNIG faz parte do Programa de Estatísticas de Gênero no IBGE, o qual publicou, no ano passado, o livro “Estatísticas

de Gênero – Uma análise dos resultados do Censo Demográfico 2010”. Os dados do IBGE informam que as áreas gerais de formação nas quais as mulheres estão em maior proporção são: “Educação” com (83,0%) e “Humanidades e Artes” (74,2%).

Nas áreas de “Ciências Sociais, Negócios e Direito”, a proporção de mulheres se torna equivalente a dos homens.

## QUADRO 2 – DOCENTES ENTREVISTADAS

DOCENTES	ÁREA	IDADE	FILHOS	GRADUAÇÃO	MESTRADO	DOUTORADO
Docente 1	Ciências Sociais	64	Não	Ciências Sociais	Antropologia	Antropologia
Docente 2	Ciências Sociais	51	1	Ciências Sociais	Antropologia	Antropologia
Docente 3	Ciências Sociais	61	Não	Biblioteconomia	Antropologia	Antropologia
Docente 4	Ciências Sociais	47	2	Ciências Sociais	Antropologia	Antropologia
Docente 5	Ciências Sociais	34	1	Ciências Sociais	Sociologia	Sociologia
Docente 6	Ciências Sociais	42	Não	Psicologia	Filosofia	Filosofia
Docente 7	Ciências Sociais	67	3	Ciências Sociais	Sociologia	Sociologia

**Fonte:** NPAMC/ Quadro elaborado com dados da pesquisa

A partir da análise dos dados da pesquisa, até o momento destacamos no discurso das docentes a construção social do conceito de gênero e sua inferência direta na história de vida profissional das mulheres. Um conceito importante, no que se refere ao uso do tempo<sup>5</sup>. No tocante às atividades domésticas e a criação dos filhos, elas foram unânimes em responder que a responsabilidade do trabalho doméstico, devido a naturalização dos papéis sociais, ainda recai toda sobre as mulheres.

Alguns relatos são contundentes:

1. *"[...] em casa eu tenho uma pessoa que me ajuda, mas, por exemplo, agora ela tá de férias, então isso significa que eu tenho que fazer todo o trabalho de casa, cozinhar, arrumar a casa, tá com ele (filho) e dar conta do trabalho também."* (Docente 5)
2. *"[...] os homens costumam dispende muito menos tempo (do que as mulheres) com os cuidados infantis, então há sempre uma concentração maior em atividades no trabalho, diferente das mulheres*

<sup>5</sup> O tempo para reprodução econômica envolve aquele destinado ao trabalho remunerado e o gasto com deslocamento para sua realização. O tempo para reprodução familiar e social incorpora, basicamente, as atividades de organização domiciliar, de lazer e de sono. (Dedecca, 2004).

*que precisam aprender a equilibrar a vida profissional e a vida pessoal."* (Docente 4)

3. *"Eu sinto que os homens não têm essa preocupação, essa neurose nem com a arrumação de casa nem com a arrumação a si mesmo. Eles não pensam que causa um mal estar à mulher ficar fazendo o dia inteiro faxina e ainda vir a universidade horrorosa, com cabelo despenteado, com as unhas para pintar, isso não faz parte do universo deles. Então eles não entendem essa problemática, e eles sempre tem alguém, na maioria das vezes uma mulher que vai lá e faz uma faxina pra eles. Então eu não conheço nenhum dos amigos homens, principalmente os solteiros, que diga que cuida da casa, que fazem sua própria faxina. Isso é inexistente."* (Docente 6)
4. *"Quando estou me dedicando a casa tenho que largar absolutamente a atividade profissional. Quando estou me dedicando a atividade profissional, como estou agora, completamente imersa, tenho que largar a casa. As duas coisas para mim não são compatíveis, e elas me*

*enlouquecem. Eu não me sinto bem.  
Eu me sinto absolutamente escrava  
do sistema doméstico. Não tem  
outra palavra." (Docente 6)*

As entrevistadas expressaram em suas narrativas a existência de diferenças, polaridades e assimetrias de gênero, presentes em atividades que definem o que é masculino e o que é feminino. A partir do relato das sete docentes, pudemos observar que todas elas admitiram que há sobrecarga no cotidiano das mulheres, pois além das atividades profissionais, elas são responsáveis pelo gerenciamento dos afazeres domésticos e pelo cuidado dos filhos.

Vários fatores se combinam para manter o caráter gendrado do trabalho: “a responsabilidade das mulheres pelo cuidado das crianças e das tarefas domésticas; a segregação vertical e horizontal de gênero da força de trabalho; as definições diferenciais de habilidades femininas e masculinas; a falta de reconhecimento das habilidades adquiridas fora do local de trabalho; a falta de reconhecimento das responsabilidades assumidas fora do local de trabalho; o baixo status do trabalho em tempo parcial; o reconhecimento positivo da racionalidade burocrática masculina; e a desvalorização das habilidades interpessoais tradicionalmente femininas. (BRABO, 2009, p. 25)

Sobre o uso diferenciado do tempo entre homens e mulheres, Dedecca afirma que:

Enquanto se observa que parte preponderante das mulheres realiza trabalho em afazeres domésticos, menos da metade dos homens destina seu tempo para essa forma de atividade. Sem dúvida, essa diferenciação já sugere uma menor responsabilidade do homem na organização familiar, cabendo relativamente mais às mulheres este tipo de ônus social. (DEDECCA, 2004, p. 43)

A literatura sobre o tema e os relatos das docentes nos conduz a outros questionamentos: Qual o valor social do trabalho doméstico? Quais os problemas que as mulheres enfrentam para administrar a atividade profissional com as atividades de Ensino/Pesquisa e Extensão e as atividades domésticas ainda predominantemente ao encargo das mulheres? Quais ações devem ser implementadas para conseguir a equidade nas relações de gênero, raça/etnia?

As visões naturalizadas sobre os comportamentos feminino e masculino promovem desigualdades e fomentam relações de poder, que prejudicam e atingem principalmente as mulheres. Segundo Auad,

Quando começamos a considerar as relações de gênero como socialmente



construídas, percebemos que uma série de características consideradas “naturalmente” femininas ou masculinas corresponde às relações de poder. Essas relações vão ganhando a feição de “naturais” de tanto serem praticadas, contadas, repetidas e recontadas. Tais características são, na verdade, construídas, ao longo dos anos e dos séculos, segundo o modo como as relações entre o feminino e o masculino foram se engendrando socialmente. (AUAD, 2006, p. 19)

Os comportamentos e as práticas antes tidos como naturalmente femininos ou masculinos, justificados por explicações fundamentadas em diferenças biológicas, são trazidos para o debate público pelo movimento e pela teoria crítica feminista, que questiona, em diversos níveis sociais, tais como na esfera governamental e acadêmica, por exemplo, questões relacionadas às discriminações e desigualdades, denunciadas a partir da ótica da categoria analítica *gênero*.

### **Considerações finais**

Os relatos obtidos nas entrevistas apontam que a categoria gênero possibilita expor que muitas diferenças entre homens e mulheres são socialmente construídas, mas estão tão naturalizadas e cristalizadas nas práticas e nos discursos da sociedade, que dificultam desvendar as relações de poder e desigualdades, socialmente construídas e

historicamente reproduzidas pelos indivíduos.

É notório, nos relatos das docentes, a referência, ainda que indireta, à divisão sexual do trabalho, que diz respeito à histórica destinação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva (o provedor e a cuidadora do lar).

A inserção das mulheres no mercado de trabalho possibilitou o acirramento deste debate sobre entre esses dois mundos: público e privado. Neste processo de transição, ainda expressa a naturalização na responsabilização das mulheres com o doméstico o que resulta em duplo trabalho, ou seja, com o trabalho produtivo mercantil e com o trabalho doméstico, dos cuidados.

O estudo, em andamento, permitirá, ainda, a elaboração de outros textos, nos quais dialogarão com o conceito de transversalidade de gênero e com os dados da pesquisa, no que se refere à composição do núcleo familiar; trajetória profissional dos familiares; uso do tempo; trajetória acadêmica e profissional das docentes.

### Referências bibliográficas

AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola.** São Paulo: Contexto, 2006.

BRABO, T.S.A.M. 2009. **Gênero, educação e política: múltiplos olhares.** São Paulo, Icone/FAPESP.

COSTA, Maria da Conceição. Ainda Somos Poucas: Exclusão e Invisibilidade na Ciência. In **Cadernos Pagu** (27), julho-dezembro de 2006.

CRUZ, Maria Helena Santana. **Mapeando Diferenças de Gênero no Ensino Superior da Universidade Federal de Sergipe.** Aracaju, Editora UFS, 2012.

DEDECCA, Cláudio Salvadori. Tempo, Trabalho e Gênero. In **Reconfiguração das relações de gênero no trabalho.** Costa, Eleonora Menicucci de Oliveira, Maria Ednalva Bezerra de Lima, Vera Soares [Org.]. São Paulo: CUT Brasil, 2004, p. 21-52

FLICK, Uwe. Entrevista episódica. In: BAUER, Martin W & GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

FLICK, Uwe. Introdução à pesquisa qualitativa. 2 ed. São Paulo: ARTMED, 2002.

HIRATA, Helena. Novas configurações da divisão Sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa.** v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SCOTT, Joan. **Gênero: Uma categoria útil para análise histórica.** Recife: SOS/CORPO, 1989.

SECRETARIA ESPECIAL DE POLÍTICAS PARA AS MULHERES. **II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres.** Brasília: SPM – Secretaria de Políticas para as Mulheres/Presidência da República. Disponível em [www.presidencia.gov.br/spmulheres](http://www.presidencia.gov.br/spmulheres).